



**PRIMEIRO  
MINISTRO**

**PALESTRA DE SUA EXCELÊNCIA O PRIMEIRO-MINISTRO DA  
REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE TIMOR-LESTE,  
KAY RALA XANANA GUSMÃO,  
NA UNIVERSIDADE DE JUBA, SOBRE O TEMA “PARTILHA DE  
EXPERIÊNCIAS”**

**Juba, Sudão do Sul  
5 de Dezembro de 2013**

Magnífico Reitor da Universidade,  
Excelências,  
Senhoras e senhores,

É para mim um grande prazer e uma honra estar aqui hoje na Universidade de Juba.

É também um privilégio especial dirigir-me a vós – os futuros líderes do Sudão do Sul.

Embora tenha percorrido meio mundo para aqui estar, o meu país é semelhante ao vosso em muitos aspectos. Timor-Leste ocupa metade de uma ilha no Sudeste Asiático, com a outra metade a pertencer à Indonésia. Em 2002 Timor-Leste tornou-se a nação mais jovem do mundo – tal como o Sudão do Sul é hoje.

Falando de independência, Timor-Leste também emergiu de uma luta longa e difícil em prol da independência, que deixou o nosso povo traumatizado tanto a nível físico, como emocional. O povo de Timor-Leste manteve a sua resistência contra a ocupação indonésia durante um quarto de século. Lutámos contra um inimigo que era muito mais numeroso e que contava com o apoio de algumas das grandes potências do mundo.

Ao mesmo tempo que estas nações ocidentais apregoavam os valores universais dos direitos humanos, da liberdade e da democracia, as suas acções apoiavam um ditador que brutalizava o nosso povo. Sofremos traumas e enormes tristezas. Não preciso de vos falar do sofrimento que uma guerra traz.

Contudo, e apesar destes custos, mantivemo-nos apegados ao nosso sonho de liberdade. O nosso lema era “Resistir é Vencer”, e os nossos ocupantes acabaram por aprender que nos podiam infligir sofrimentos terríveis mas que não podiam quebrar o nosso espírito ou a nossa solidariedade. Fomos inspirados por campanhas contra o domínio colonial em África, que nos mostraram o caminho a seguir. Deste modo travámos uma guerra de guerrilha nas montanhas e vales de Timor.

Tal como aconteceu com o Sudão do Sul, Timor-Leste conseguiu finalmente a sua independência através de um referendo no qual o nosso povo votou de forma esmagadora em favor da independência, apesar do clima de violência em que se vivia.

Entre 1999 e 2002 o nosso país foi administrado pelas Nações Unidas, enquanto nos preparávamos para a autodeterminação. Em muitos sentidos isto ajudou o nosso país, já que nos deu tempo para criar e desenvolver partidos políticos, para desenvolver a nossa sociedade civil e para redigir uma constituição que consagra a democracia e os

direitos humanos sob um Estado de direito. Em 2002 tornámo-nos o país mais jovem do mundo.

Porém, após a independência, e à semelhança do que acontece em muitos países pós-conflito, tivemos dificuldades para manter a unidade nacional e um sentimento comum de propósito. O nosso processo de construção da paz e da reconciliação não foi suficientemente profundo e não conseguimos dar resposta a conflitos por resolver. Isto fez com que durante os nossos primeiros anos tenhamos vivido num ciclo de conflitos, com situações de crise aproximadamente a cada dois anos. Somente em 2008 conseguimos enquanto nação dizer basta e comprometer-nos a dizer adeus ao conflito e a dar as boas-vindas ao desenvolvimento. Aceitámos que a nossa prioridade máxima era deixar para trás a nossa história brutal e construir um Estado pacífico e sólido.

À semelhança do que acontece com o Sudão do Sul, Timor-Leste tem a sorte de dispor de recursos petrolíferos que podem ser explorados para financiar a construção de um Estado e para dar resposta às necessidades prementes do povo. De igual modo, ainda que as nossas duas nações sejam frágeis, contamos com o apoio da comunidade internacional e beneficiamos de assistência ao desenvolvimento.

Como é óbvio, não somos a única nação no mundo a trabalhar para construir a paz e o Estado após emergir de um longo período de conflito. Timor-Leste e o Sudão do Sul fazem parte dos quarenta e nove países que as Nações Unidas classificam como “Países Menos Desenvolvidos”. Somos também um dos trinta países classificados pelo Banco Mundial como “Estados Frágeis”.

Somos também um dos dezoito países que se uniram para criar um grupo – conhecido como ‘g7+’ – dedicado a monitorizar, reportar e chamar atenção para os desafios específicos enfrentados pelos Estados frágeis, muitos dos quais alojam as 1,5 mil milhões de pessoas espalhadas pelo mundo que continuam a viver em situação de pobreza extrema.

Deste modo, permiti-me falar sobre algumas das questões que Timor-Leste tem enfrentado e que podem vir a ser importantes para o Sudão do Sul. Todos sabemos que o processo de construção de Estado varia de país para país e consoante cada contexto, porém sabemos também que podemos aprender uns com os outros e que nos podemos apoiar mutuamente nos nossos percursos rumo ao desenvolvimento.

Senhoras e senhores,  
Alunos e alunas,

Quando conquistámos a nossa independência reconhecemos que a reconciliação era a primeira coisa que precisávamos fazer para poder curar o nosso país.

Em primeiro lugar era necessário que Timor-Leste se reconciliasse com o seu antigo ocupante, a Indonésia. Durante a ocupação a Indonésia era uma ditadura e sabemos que o povo indonésio também sofreu durante esse período. Um dos grandes méritos do povo timorense foi ser capaz de distinguir entre o povo indonésio e o regime indonésio.

Hoje a Indonésia é uma das maiores democracias do mundo e possui uma economia de mercado livre cada vez maior. Reconhecemos que Timor-Leste não partilha apenas uma ilha com a Indonésia, partilha também um futuro, e que caminhamos agora juntos num espírito de amizade e solidariedade. Vemos a força do nosso relacionamento como um modelo importante de como é possível superar uma história de amargura e conflito graças à boa vontade, a uma liderança sólida e a uma visão virada para o futuro.

Todavia, viemos a constatar que por vezes a reconciliação entre o nosso povo era mais difícil do que a reconciliação com o nosso antigo ocupante.

Durante a ocupação, bem como no seu rescaldo, a sociedade timorense dividiu-se em facções e os nossos cidadãos cometeram actos terríveis de violência uns contra os outros. Embora tentássemos reconciliar o nosso passado, as tensões entre diferentes partes do país foram crescendo. Esta situação culminou em 2006, com milhares de pessoas a verem-se obrigadas a abandonar as suas casas com medo da violência.

Isto fez-nos perceber que tínhamos de nos unir e de reconciliar as nossas diferenças. Tínhamos de reflectir sobre o caminho destrutivo que o nosso povo estava a seguir, pelo que iniciámos um diálogo com todo o povo timorense para lidar com as causas fundamentais dos nossos problemas. Reconhecemos enquanto nação que não era possível construir um Estado sem construir a paz. Isto significou que precisávamos em primeiro lugar de reconhecer a nossa fragilidade, e em segundo lugar de dar resposta a essa mesma fragilidade. Assim, começámos a unir-nos e a abordar os nossos problemas de forma honesta.

Senhoras e senhores,  
Alunos e alunas,

Uma parte importante do processo de garantir a paz em Timor-Leste foi demonstrar o nosso respeito para com os nossos veteranos, os antigos combatentes que deram

tanto de si em prol da independência. O nosso Estado tem uma grande necessidade de dar resposta às necessidades dos nossos antigos combatentes da libertação nacional. Durante a nossa transição para a autodeterminação foi importante dar aos nossos veteranos o apoio de que eles necessitavam e encorajá-los a fazer a transição para um novo papel na construção de uma sociedade democrática.

Em Outubro desloquei-me à Guiné-Bissau, país que, à semelhança de Timor-Leste, é uma ex-colónia portuguesa. A Guiné-Bissau inspirou a nossa luta, porém infelizmente tem caminhado na direcção errada, sob líderes mais preocupados com os seus interesses próprios do que com os interesses do seu povo. De igual modo, a Guiné-Bissau não tem sido capaz de lidar devidamente com os seus veteranos e não estabeleceu um sistema e um quadro legal que permitam ao Estado reconhecer de forma apropriada o contributo histórico prestado pelos veteranos.

Por outro lado, o Estado não assumiu a competência de desmobilizar os combatentes da libertação nacional. Esta situação veio destabilizar o país e contribuir para um ciclo de instabilidade e de golpes de Estado. Esperamos que os líderes da Guiné-Bissau sejam capazes de desenvolver um sistema que dê resposta a estas pressões e que defina de forma clara os papéis de todas as partes da sociedade, incluindo os antigos combatentes, de modo a evitar a instabilidade e mais actos de violência. Devido às sanções, Timor-Leste está a trabalhar quase sozinho para ajudar a Guiné-Bissau a preparar-se para as suas eleições. Tal como Timor-Leste, a Guiné-Bissau é um membro do g7+, um país inserido na categoria dos Países Menos Desenvolvidos, e um país pós-conflito.

Senhoras e senhores,

Gostaria de destacar a importância da democracia. O mês passado desloquei-me à Indonésia para participar no Fórum sobre Democracia em Bali. Este é um evento regional e global importante que promove a democracia e a liberdade.

Participo neste fórum todos os anos e procuro levantar questões importantes sobre a democracia e sobre o que significa ser democrático numa situação de fragilidade. Infelizmente constato que muitas democracias estão a caminhar na direcção errada, visto estarem capturadas por elites poderosas que servem os seus próprios interesses e que perpetuam uma desigualdade cada vez maior, colocando assim em risco a própria coesão social das suas nações.

Precisamos fazer mais e melhor. Temos de reconhecer que, embora a democracia seja importante, o processo democrático precisa reflectir os valores e características do país em questão, bem como o seu contexto.

Numa altura em que o Sudão do Sul revê a sua constituição e se aproxima das eleições de 2015, estou certo de que a vossa nação terá sucesso no processo difícil de construção da paz e construção do Estado, para que o governo possa continuar a dar resposta às questões prementes que a vossa nação enfrenta e possa concretizar o potencial do país.

Senhoras e senhores,

Enquanto alunos desta universidade prestigiosa, sereis vós os responsáveis pelo futuro da vossa nação. Tal como acontece em Timor-Leste, onde a actual geração de líderes deve dar lugar à nova geração, também aqui no Sudão do Sul chegará a altura em que tereis de assumir o poder e contribuir para o desenvolvimento da vossa nação.

O Sudão do Sul tem um potencial enorme. Caso demonstreiis o mesmo empenho e determinação na construção nacional que haveis demonstrado na conquista da independência, estou certo de que tereis um futuro muito positivo e risonho para os vossos filhos.

Um sector ao qual deveis estar atentos é a agricultura. O Sudão do Sul tem uma enorme área terrestre com potencial para alimentar a nação e para gerar alimentos para exportação. O petróleo não é um recurso renovável. Isto significa que, embora o dinheiro do petróleo possa construir os alicerces de um Estado, ireis precisar de indústrias sustentáveis para criar emprego e apoiar a vossa nação.

Senhoras e senhores,

Antes de terminar, permiti-me que fale de outra área que as nossas duas nações têm em comum. Tanto o Sudão do Sul como Timor-Leste têm a sorte de contar com um grande número de parceiros de desenvolvimento generosos que prestam apoio aos nossos processos de construção de Estado.

Embora tenhamos constatado os benefícios que a assistência internacional ao desenvolvimento pode trazer, também já tivemos as nossas desilusões. Vimos muito dinheiro ser gasto para obter resultados muito reduzidos, tudo em nome da assistência internacional. Timor-Leste pretende também abordar os problemas da assistência internacional e do envolvimento internacional em países frágeis e em vias de

desenvolvimento. Sendo uma nação pequena, Timor-Leste não pode fazer isto sozinho.

Precisamos fomentar a solidariedade internacional para garantir que os nossos interesses são representados e que as nossas vozes são ouvidas. Caso não estejamos unidos, individualmente estaremos simplesmente demasiado vulneráveis aos sistemas complexos e às atitudes enraizadas que colocam em último lugar as vidas dos nossos cidadãos. Tal como já referi, estamos a fazer isto através do g7+, uma colaboração nova e inovadora entre 18 estados frágeis. O grupo foi formado em 2010 com o objectivo de permitir a países frágeis falar a uma só voz e defender mudanças nas políticas globais de desenvolvimento. Estamos muito contentes por ter o Sudão do Sul conosco nesta missão.

Senhoras e senhores,  
Alunos e alunas,

Gostaria igualmente de dar os parabéns ao Sudão do Sul por organizar a sua Conferência sobre Investimento de 2013, à qual me dirigi hoje de manhã. A última vez que tinha estado em Juba foi em 2011, pouco após a independência, e posso dizer que voltando dois anos mais tarde pude ver grandes progressos.

O Sudão do Sul tem um enorme potencial em muitos sectores importantes, incluindo o petróleo, a agricultura, a construção civil e a hotelaria. Não tenho dúvidas de que os primeiros investidores nesta nação emergente terão sucesso. Posso dizer também que o Sudão do Sul tem sorte em ter um Governo que compreende e promove a importância do investimento, da criação de emprego e de uma economia diversificada.

Senhoras e senhores,

Gostaria de terminar falando da minha experiência ontem, quando me desloquei a Malou, no Estado de Jonglei.

Desloquei-me lá ontem com a minha Ministra das Finanças para celebrar a construção de uma escola financiada pelo Governo de Timor-Leste.

A visita a Malou foi uma experiência comovente e emotiva para nós. O calor verdadeiro e a amizade genuína do povo, numa área tão remota, lembraram-nos da nossa humanidade comum e do que somos como pessoas quando retiramos as distrações materialistas.

Foi para nós um privilégio ter uma experiência tão autêntica entre o vosso povo. Pudemos sentir também o potencial da vossa nação num clima de paz. A alegria e a felicidade puras das aldeias, enquanto cantavam e dançavam, fizeram-nos pensar no sentido das nossas próprias vidas e na importância da solidariedade humana.

Senhoras e senhores,

Obrigado por me terdes convidado a usar da palavra aqui hoje; foi para mim uma honra. Timor-Leste quer cultivar a sua amizade com o Sudão do Sul. Partilhamos uma história semelhante e sentimos afinidade com o vosso povo.

Desejo-vos tudo de bom na construção da vossa nação e estou certo que, com o vosso empenho, o futuro de todos vós e do Sudão do Sul será risonho.

Muito obrigado.

5 de Dezembro de 2013  
Kay Rala Xanana Gusmão